Disciplina: Literatura e Educação – Prof. Marcos Piason Natali

Resenha do texto: Uma introdução à vida não fascista, de Michel Foucault – escrita após uma aula, o texto-resenha é também um diário de campo, um relato.

Discente: Pedro Rivellino L. Moreira – nº 9331573

Em que momento a escola foi criada? O que realmente fazemos lá? As proximidades com as práticas pedagógicas modificam meu texto? Devo intensificar minhas aulas, ou me afastar delas? Pode-se falar de pedagogia sem ter uma experiência de sala de aula?

Até onde preciso falar da antologia? Até quanto posso *sair* do texto? O que importa são minhas anotações, meu pensamento organizado, os textos que conectei rizomaticamente ou a unidade do prefácio?

O que muda saber que os alunos sonham? O que acontece se assumirmos que os alunos desterritorializam, assim como nós e, talvez, com *nós*? E os unicórnios?

Seguindo a personagem César Aira, e os caminhos de Foucault, passamos pelos imaginários, pensamos na clínica e na escola. E se agora movêssemos para o cárcere?

O presídio comporta a tradição: ao mesmo tempo que conserva as marcas do passado, fornece um retrato atual. O prisioneiro, uma de suas criações, quer o alvará, sua outra criação. Nós, queremos evitá-lo: pois como, então, organizar as forças que não seja em poder, num cárcere? A ironia do dispositivo é acreditar que nele está a nossa libertação...

 Do encontro das forças que modifica um estrato de desejo – a essência tautológica da vida, isto é, qualquer força que preserva a si mesma – é que surge o que realmente está latente como desejo – há um movimento da vida, isto é, uma reorganização da vida provocada pelo alongamento da linha de desterritorialização, o retorno impossível culmina num movimento de vida, ou seja, a transformação da ordem, mantida porque se acomoda, até outra desterritorialização.

 Assumo a busca por esse movimento como objetivo da aula. O prefácio, de devir-tutorial, parece ajudar nessa linha de fuga ao pontuar uma ética antifa, capaz de remover, de nossos atos, discursos e prazeres o fascismo, tanto histórico quanto cotidiano, de potente virtualidade. Como agência do desejo de poder, aquilo que explora e domina, está sempre na iminência do acontecimento, não sendo possível a inércia para a saída. Entre as dicas, concentram-se àquelas de extração do único à multiplicidade, o n-1. O apelo ao nomadismo, ao movimento, ao múltiplo, às práticas de desindividualização. A proposta parece vir acompanhada do apelo “prefiro não” os eixos negativos de análises, afastando-se de uma gramática normativa. Excluindo o binarismo, parece vir à tona o contínuo: tomar a prática política como intensificadora do pensamento – não hierarquizar nem cindir.

O convite é para se deixar expulsar pelo humor, lugar onde não haveria formas de fascismo. O devir-humor é um agenciamento proposto, é uma *nova arma* que pode nos tirar do melancólico “nunca mais, nunca mais...”. O símbolo e a analogia recriam, a metáfora, chamada, desterritorializa: não se apaixonar pelo Poder [substantivo], mas pelo poder [verbo]. Na ação do reflorestamento, se há mundo por vir, assumimos os percalços (proliferação, justaposição e disjunção – mas sem hierarquias). Construímos outro desejo, o lugar do bem comum, como fazem os usuários de drogas ou os alunos, partilhando a solidão na sala de aula.

Nossa Teoria do Conhecimento, contaminada pela psicanálise e seu lastro “selvagem”, complicou lugares e relações, procurou genealogicamente e conectou o dito com o que permite dizer (arqueologia). Colocamos em foco a manipulação e a transgressão; o prazer, o desejo e os sonhos; embasamo-nos em polêmicas atuais da escola; olhamos para o deslocamento errante e asceta; pensamos no rizoma informação~doença~cura~identidade; na mônada do comum.

Escrever é cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir. Viver como navegar, que não é preciso, a n-1. A aula de literatura, cujo foco é a leitura e não a História ou a Sociologia, muito menos a Psicologia, deve abrir-se à bagunça das relações, tensionando à desterritorialização, acontecendo sua essência na práxis da existência. Se for para fazer o que não foi feito, que não seja a explicação, cujo véu colocado a criou, mas a morte da pedagogia, para que, como os cabelos de Shiva, ou os seios de Iemanjá, guiem a aprendizagem a todos os instantes.

As transformações na linguagem fazem parte do movimento do mundo. Implodir o todo – e o tudo –, traduzir, rebelar-se contra a língua que obriga a dizer. Pensar em outra concepção que não a dicotômica, cuja forte unidade principal, uma raiz-pivotante, inibe as inovações possíveis. Tirar do centro da linguística Chomsky e as regras: subtrair o único da multiplicidade a ser construída.

O conhecimento acontecendo junto parece ser uma linha de escape do saber. Errando nela me encontro nas múltiplas conexões rizomáticas. No movimento de vida, inspirando e expirando, mantendo uma possível alteridade, encontrando a razão das relações, não me suprimindo na distinção. Deparo-me com micro-fascismos a espera da cristalização.

Falar de fascismo é falar em primeira pessoa, de mim.

**Bibliografia**

AGOSTINHO, Larissa Drigo. *Chega de melancolia!* São Paulo: n-1 Edições, 2018.

AIRA, César. *Como me tornei freira.* Trad. Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

DELEUZE, Gilles. Desejo e Prazer. Magazine Littéraire. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 57-65.

FOUCAULT, Michel. “O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista”. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 198-200, 1993.

FREUD, Sigmund. “Sobre psicanálise selvagem”. In: *Obras Completas (1909 1910)*, vol. 9. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GILLES, Deleuze; GUATRARI, Félix. **Introdução**: **Rizoma.** Texto extraído de Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia) Vol. 1. Editora 34, 1ª Ed, 1995.

PRECIADO, Paul B (Beatriz). *Manifesto Contrassexual*; tradução: Maria Paula Gurgel Ribeira. São Paulo: n-1 edições, 2017 [2014].